

AGOSTINHO DA SILVA

por Mário Soares

Celebrou-se há poucos dias o vigésimo aniversário do seu falecimento, sem que a Comunicação Social e as televisões, em especial, quase dessem por isso. E, no entanto, Agostinho da Silva foi um grande professor universitário, pensador português emérito que depois de uma curta prisão pela ditadura salazarista resolveu emigrar para o Brasil, onde viveu longos anos, também como professor universitário, enormemente qualificado e muito respeitado como publicista.

Só regressou à sua Terra, Portugal, depois do 25 de Abril de 1974, já com uma certa idade para respirar o ar da liberdade, da democracia e do respeito pelos direitos humanos.

Doutorou-se na depois extinta Faculdade de Filologia da Universidade do Porto e leccionou na Sorbonne e no Colégio de França, em Madrid, etc. Tendo, desde então, publicado inúmeras obras e Cadernos de Informação Cultural, que me honro de ter.

Conheci Agostinho da Silva com os meus dezasseis anos, quando o meu Pai, que muito o admirava, resolveu encarregá-lo de conversar comigo, três vezes por semana, e me despertar para as questões da cultura, da arte e da vida, duma maneira geral.

Agostinho da Silva vivia então numa modesta casa alugada, perto do Instituto de Oncologia. Eu ia ter com ele, a uma certa hora, batia à porta, ele descia e então começávamos a passear e a conversar, a propósito de tudo e de nada. Por forma, para mim, apaixonante. Aconselhava-me a ver filmes, que me indicava, criando desde logo o interesse e obrigando-me a contar depois o que tinha visto.

Agostinho da Silva era um seareiro convicto e falava-me muito da revista Seara Nova, de que desde então me fiz sócio. E também, claro, me falava dos seus famosos "Cadernos", de que fui, desde então, seu assinante e ainda hoje me honro de os ter na minha biblioteca.

Como eu, nesse tempo, já me interessava muito por política, Agostinho da Silva pôs-me o pseudónimo de Danton, que nunca abandonou.

Naquele tempo as ruas e calçadas tinham muito pouco movimento e fazíamos caminhadas para lá de Benfica a conversar amenamente regressando depois por terras de cultivo, praticamente sem casas.

Agostinho da Silva era grande amigo e admirador de António Sérgio e de Álvaro Salema, que morreu há pouco tempo e também foi meu professor, a quem fiquei a dever muito e bem assim a Jaime Cortesão, então exilado no Brasil, com cuja filha viria Agostinho da Silva a casar.

Um dia se tiver tempo e capacidade escreverei sobre essas figuras que tanto me influenciaram.

Agostinho da Silva, depois do 25 de Abril, voltou a Portugal onde ficou até ao seu falecimento. Nessa altura já eu tinha funções políticas e várias vezes nos encontrámos e por força das circunstâncias falámos de política, continuando a tratar-me ele por Danton, o que no tempo que então vivíamos não era tão oportuno como ele julgava.

Teve nos últimos anos em Portugal um acolhimento muito grande, quer dos seus velhos amigos (dos que ainda existiam), sendo muito bem visto pela comunicação social. Lembro-me de uma conferência que organizei na altura e em que ele interveio, falando ao seu estilo que nunca mais acabava. As pessoas já estavam todas a murmurar. Pedi ao meu ajudante de campo para discretamente lhe dizer que era tempo de acabar. Ele procurou fazê-lo, mas a verdade é que o

discurso continuou. Sem dúvida com muito interesse e graça, mas ultrapassando todo o tempo previsto para a conferência.

Visitei-o muitas vezes quando começou a estar doente. Até ao fim da vida foi sempre muito acompanhado por algumas amigas fiéis e pelos seus inúmeros gatos.

Foi uma das figuras mais interessantes do século XX, que não podem nem devem ser esquecidas pelas novas gerações como, infelizmente, está a acontecer.

Os seus "Cadernos" e os seus muitos livros deveriam ser reeditados e lidos pelos jovens de hoje. Seria muito útil para todos. Bem como o "In Memoriam de Agostinho da Silva", em que me honro de ter colaborado.

Lisboa, 15 de Maio de 2014